

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA DE UMA EDUCADORA INFAME FORJADA ENTRE O CÁRCERE E A RUA

Patrícia Lima Freire¹
José Gerardo Vasconcelos²

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno dos modernos nômades urbanos emerge desafiando os olhares das multidões para uma consciência da realidade social na qual estão inseridos, é necessário aprimorar o olhar para perceber pessoas ao invés de corpos perambulando ou adormecidos nos bancos da praça e sensibilidade para diferenciá-los das esculturas que compõem a paisagem. No entanto, um vagaroso olhar desvela a presença do Estado, de um campo moral e o aparato institucional que mantém o controle e a repressão. Nesse pacote estão inclusos os programas e atendimentos estatais, os atendimentos filantrópicos e assistencialistas, os processos de institucionalização e diversos atores envolvidos nessa teia de alternativas atenuantes da precariedade (FRANGELLA, 2016).

Nesse ínterim, na sensibilização do olhar para os modernos nômades, a composição do objeto foi surgindo a partir das vivências como educadora social no Centro de Convivência para pessoas em situação de rua e as conversas significativas com o meu orientador, sempre fomentando minhas inquietações que lançaram-me para o submundo da

1 Patrícia Lima Freire- Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação - FACED da Universidade Federal do Ceará-UFC e bolsista PIBIC-CNPq. E-mail: paztyfreire@gmail.com.
2 José Gerardo Vasconcelos- Professor Titular de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Ceará É líder do Grupo de Pesquisa de História e Memória da Educação do CNPq - NHIME. E-mail: gerardovasconcelos@ufc.br

marginalidade, espaço onde vasculho o cotidiano dos infames em busca das potencialidades ocultas.

Este texto é um recorte de uma pesquisa realizada com a população em situação de rua que deu origem ao meu trabalho de conclusão de curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, contrariando os modelos das décadas anteriores, quando se destacavam as dimensões socioeconômicas e sociológicas da população de rua. De acordo com Frangella (2016), nos últimos anos, alguns pesquisadores, entre os quais me incluo, dedicaram-se a olhar as vivências de rua e seus sujeitos, quase sempre esquecidos na sua singularidade social.

Os nomes dos personagens utilizados neste trabalho são todos fictícios no intuito de preservar a identidade dos indivíduos. A escolha do nome “Valentina” surgiu da necessidade de fortalecer sua imagem de mulher valente e destemida.

O nome Jonas para o filho da entrevistada visa legitimar a escolha de Valentina, quando utilizou um nome bíblico. Ela sempre fez questão de ressaltar sua escolha. Na tentativa de não contrariá-la lembrei do conto de Jonas que foi engolido por uma baleia e tempos depois foi vomitado na costa, metaforicamente essa baleia seria as ruas e na esperança de vê-lo fora delas, espero que em breve ele seja vomitado para uma vida melhor. Os demais nomes foram escolhas aleatórias.

A abordagem metodológica adotada nesse texto é antropológica, etnológica e etnográfica. A abordagem etnográfica propiciou minha observação e descrição dos espaços da rua, das histórias de vida individuais e coletivas que se articulam entre o cárcere e a rua. O cotidiano de Valentina despertou-me para trabalhar com histórias orais, a oralidade produzida pelos ditos infames consolida o alicerce desta pesquisa, no qual se destacam a narrativa e o uso da memória.

Dessa forma, registrar os saberes empíricos, as práticas educativas e as estratégias de sobrevivência dos ditos infames, mendigos, noias³, *homeless*, moradores de rua, vagabundos e delinquentes é torná-los bem mais que sujeitos de fala, mas sujeitos históricos.

3 Noias: usuários de crack.

No entanto, sistematizamos as práticas educativas de uma educadora infame, à luz de Certeau (1998), Foucault (2016), Vieira e Rosa (1992), dentre outros, a fim de traçar um novo perfil da população em situação de rua e realizar o registro dos códigos morais apreendidos na rua.

2. POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA NA ÓTICA DA EXCLUSÃO E DA VULNERABILIDADE SOCIAL

No Brasil, a população em situação de rua passou a emergir no cenário urbano das grandes metrópoles a partir do final dos anos 1970 e início dos anos 80, principalmente na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro. Explicado pela crescente industrialização e pobreza urbana em grandes capitais, no que se relaciona aos processos de migração e de criação da marginalidade (PEREIRA, 2016). A partir das décadas de 1980 e 90, destacavam-se algumas análises das pesquisadoras Vieira e Rosa (1992), sobre a população que ocupava a rua, definindo como uma população formada por desempregados, migrantes e pessoas em conflitos com familiares e não apenas pela figura do andarilho e do mendigo tradicionais atendidos pelos programas de assistencialismo.

Os programas de assistência social voltados para a população em situação de rua, em sua grande maioria, eram coordenados pelas primeiras-damas, ou seja, marcava o caráter dessa política como assistencialismo (ARRETCHE, 2000). Porém, ainda nos anos 1980, iniciava-se paulatinamente o processo de redemocratização do Brasil, quando é feita a nova Constituição Federal no ano de 1988. A Constituição se torna uma força impulsionadora para as políticas públicas sociais, como também a política pública direcionada para a população em situação de rua (KLAUMAN, 2016).

Um grande avanço marca a organização da assistência, em 1993, a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS) inaugura esta política sob a ótica dos direitos (OLIVEIRA, 2016). A LOAS inicia o processo de descentralização das políticas sociais, direcionando para a articulação entre a União e os demais entes federativos. Ainda, consoante Oliveira (2016, p. 73):

No início dos anos 2000 a política de assistência social adquire uma nova configuração, especificamente a partir da criação do Ministério do desenvolvimento Social e Combate à Fome. Nesse sentido, a política Nacional de Assistência Social (PNAS) vem para marcar a especificidade dessa política no campo das políticas sociais, como uma responsabilidade do Estado a ser assegurada aos cidadãos brasileiros, definindo objetivos, público-alvo e níveis de proteção.

No entanto, o debate referente às pessoas em situação de rua, segundo o autor, adquiriu relevantes configurações com o alinhamento às visões políticas do governo federal quando Luiz Inácio Lula da Silva é eleito Presidente da República, pelo Partido dos Trabalhadores – PT, em 2002. Especificamente no ano de 2005, ocorreram as mudanças da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), no mesmo ano é criado o Movimento Nacional da População de Rua (MNPR) MINAYO, M., Deslandes, S. e Gomes, R. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, apoiado pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis. De acordo com Klaumann (2016, p. 5),

A criação deste movimento e de políticas públicas voltadas para a população em situação de rua é resultado de protesto e cobranças feitas após o acontecimento trágico em 2004 no centro de São Paulo onde 15 moradores de rua sofreram violência e sete morreram. Também em consequência desta tragédia ainda no ano de 2005, vemos a realização do I Encontro Nacional de População em Situação de Rua, sendo que este encontro propicia o início da formulação da Política Nacional para a População em Situação de Rua, além de subsídios para o texto da Lei nº 11.258, de 30 de dezembro de 2005, que altera a LOAS (Lei Orgânica da Assistência Social) e inclui atendimento especializado para a população em situação de rua.

Diante da necessidade de um atendimento especializado para a população em situação de rua, o decreto n.º 7.053, de 23 de dezembro de 2009, institui a Política Nacional Para População em Situação de Rua, reconhecendo a emergência da construção de um espaço para atendimento

específico da população em situação de rua, surgem então os primeiros Centros POP, equipamento estatal de atendimento diurno, voltado para as pessoas em situação de rua do estado de São Paulo (OLIVEIRA, 2016). Posteriormente, nos anos de 2010 a 2012, são construídas novas portarias importantes para a população em situação de rua, bem como a elaboração de um formulário para cadastrar os moradores em situação de rua e uma cartilha a qual trata sobre a inclusão das pessoas em situação de rua no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal como o Programa Bolsa Família (Bolsa pancada) significativamente necessário para a promoção dos indivíduos de modo que consigam superar a situação de vulnerabilidade e pobreza extrema. (KLAUMANN, 2016).

O fenômeno dos *homeless* (sem abrigo) desafia o nosso olhar para a realidade social da população em extrema pobreza nos cenários urbanos. Este segmento social vem crescendo dia a dia e ganhando maior visibilidade na última década devido ao empobrecimento da classe trabalhadora, afetada significativamente pela política econômica bastante agravada pela recessão. A década significa um claro retrocesso nas políticas sociais, atingindo o lado mais fraco e menos organizado da sociedade (LOPES, 1990), sendo denominado como população em situação de rua, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social Brasileiro (2009, p. 1):

Parágrafo único: para fins deste decreto, considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Desse modo, observamos essa população caracterizada por pessoas que se utilizam dos logradouros públicos e edificações abandonadas nos grandes centros urbanos, levando em conta alguns fatores significantes para a própria sobrevivência. À este respeito, Duneier *apud* Viegas (2013,

p. 4) estudou os “habitats sustentáveis” dos sem-abrigo, ressaltando características como: tráfego intenso de pedestres, para mendigar; comida barata ou gratuita; uma comunidade afável e disposta a fazer doações; espaços públicos seguros para dormir; limpeza frequente das ruas; serviços nas proximidades (abrigos, distribuição de alimentos) e locais que podem ser usados para a privacidade.

3. O CONTEXTO DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA DE FORTALEZA

Em Fortaleza, de acordo com pesquisa realizada no ano de 2015 pelo Centro de Treinamento e Desenvolvimento da Universidade Federal de Fortaleza (CETREDE), com a coordenação da Secretaria Municipal dos Direitos Humanos e Desenvolvimento Social (SDHDS) e em parceria com o Fórum da Rua, existem aproximadamente 1.718 pessoas morando nas ruas do Centro de Fortaleza e na Beira Mar. Embora seja um número expressivo, esse contingente não deve ser tomado como o total de pessoas vivendo atualmente em situação de rua na cidade. Os levantamentos em questão foram realizados há três anos. Deve-se atentar ao fato do aumento da população em situação de rua, visivelmente agravado por diferentes fatores como a guerra entre facções e questões socioeconômicas que levaram ao corte dos benefícios sociais.

Recentemente um jornal que circula na metrópole trouxe uma matéria com o título “*Moradores de Rua: Problema se agrava na cidade*”, destacando a visibilidade do crescente contingente de pessoas em situação de rua, um número significativo de indivíduos está morando somente na Praça do Ferreira. Um dado mais recente de 2017, comprovou que há cerca de 247 pessoas morando somente neste local. A cada mês, o Centro de Referência Especializado para população em Situação de Rua (Centro Pop) recebe cerca de 50 novos cadastros de atendimento (Jornal: O POVO ONLINE 23/04/2018)

No entanto, são poucas ou quase nulas as políticas públicas que se apresentam como proposta para a solução definitiva da situação relatada, uma vez que os abrigos temporários, a exemplo dos Centros de

convivências ou Pousadas Sociais, são insuficientes para atender toda a população existente. Conforme Monteiro (2011, p. 18), “Os moradores de rua das grandes e médias cidades brasileiras configuram-se como parte integrante da paisagem, construindo suas territorialidades em áreas mais urbanizadas e dinâmicas da cidade de Fortaleza”.

No caso específico da pessoa estudada, o seu ingresso foi explicitamente proibido nos locais de assistência à população em situação de rua durante anos, chegando a ter seu nome exposto em cartaz na portaria e ordem expressa para os seguranças proibir sua entrada. Devido às transgressões, agressões físicas e desacato aos profissionais que atuam na rede da assistência social, foram registrados diversos boletins de ocorrência contra ela, fortalecendo cada vez mais o seu estigma de delinquente. Com o nascimento do seu filho Jonas, Valentina teve o seu acesso liberado em apenas um dos espaços de referência para população em situação de rua, o Centro POP Benfica, localizado no bairro Benfica, na Avenida da Universidade, 3215, Fortaleza- CE.

O espaço de referência é frequentado pelos indivíduos que buscam atendimentos específicos para população em situação de rua, realizados por uma equipe formada por assistentes sociais, psicólogo, pedagogo, advogado e educadores sociais que desenvolvem atividades coletivas de socialização e convívio com os usuários. No espaço de referência, também são ofertados os serviços de lavanderia com espaço para secagem de roupa, banheiros individualizados masculinos e femininos com chuveiros, refeitório, guarda de pertences, com armários individualizados e higiene pessoal. Uma das reivindicações dos usuários é que as unidades de Fortaleza disponibilizem de espaços para guarda de animais de estimação em adequadas instalações e salas com computadores, dentre outros, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a fome (BRASIL, 2011).

3.1 Quem é, e como sobrevive a valente Valentina?

Uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço. (Racionais Mc's)

Valentina, “*bicho solto*”⁴ no meio das ruas do Centro de Fortaleza, é só mais uma destemida sobrevivente agindo com frieza no submundo da extrema pobreza. Enquanto seus inimigos se multiplicam entre os colegas de rua, as vítimas de assalto, a polícia e o Estado, ela constrói estratégias para garantir a própria subsistência e da sua família.

Para Foucault (2014), o poder produz saber, ambos estão diretamente implicados, e o poder-saber é *fundamental* para as transformações históricas do sujeito. Dessa forma, os indivíduos que atravessam os processos do poder-saber determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento, pois “*A rua, é um canto que se você não é ignorante, você aprende a ser ignorante. Se você não sabe se defender, você tem que se defender. Se você é um gato, você tem que virar um leão porque se você ficar um gatinho você apanha. O pessoal pinta e borda com você*” (Valentina).

Uma jovem de 26 anos, com aparência bem mais velha, sua jovialidade esconde-se detrás de um rosto marcado pelas mazelas do uso abusivo de entorpecentes e das noites mal dormidas ao relento em cima dos pedaços de caixas de papelão encontradas nos lixos das calçadas depois do expediente comercial, corpo mirrado com marcas da violência física, gerada pelo companheiro e com profundas cicatrizes de quando tentaram lhe assassinar a golpes de punhal ainda na adolescência.

A coloração dos cabelos é continuamente modificada para dificultar sua identificação pela polícia e inimigos, veste-se geralmente com camiseta e short facilitando possíveis disfarces através da mudança da vestimenta. Os pés são calçados por sandálias japonesas, facilmente abandonadas na hora da fuga.

No que se refere à Valentina, um infortúnio atingiu o seu projeto de vida, causando alguns rompimentos de laços afetivos familiares, motivando, assim, sua fuga para as ruas do Centro de Fortaleza. Um dos motivos que trouxe Valentina para a rua foi a separação de seu primeiro companheiro, devido ao uso abusivo de drogas, levando-a a cometer assaltos a mão armada e pequenos furtos na cidade, onde nascera, localizada no sertão da Paraíba.

4 Bicho solto: não respeita leis.

Segundo o seu relato, em uma madrugada, quando ela retornava de uma bocada⁵ havia dado altas pancadas⁶, estava totalmente *bruxa*, surpreendeu-se com dois sujeitos armados que a esfaquearam, deixando-a entre a vida e a morte.

A tentativa de homicídio estava relacionada a um assalto cometido por ela horas antes a um motorista de caminhão. Após receber alta do hospital, passou por uma delicada cirurgia no estômago, fugiu para Fortaleza ainda com o abdômen suturado, no intuito de evitar sua prisão, trazendo apenas o *galo* (sacola ou mochila) com algumas peças de roupas, alguns objetos de higiene pessoal e o total abandono de seus entes queridos.

Sem local certo de moradia, nem familiares para ampará-la, Valentina abrigou-se nos bancos da Praça de Ferreira, vindo posteriormente fazer parte do contingente social que vive em situação de rua e pobreza extrema, aprendendo a superar os desafios de convivência com os veteranos,

Quando eu cheguei na rua eu tive meia hora pra mudar a minha vida sabe como é? Aqui não tem livro pra ensinar não, a gente aprende errando mermu! Quando a gente chega na rua, a gente ter que ser esperta, ficar de boa, sempre ligada na sugestão das pessoas, mas tudo na humildade tá interada?
(VALENTINA)

Essa reconstrução ou construção de experiências são inteiramente necessárias no processo de inclusão na rua. O indivíduo, ao chegar na rua, necessita recriar um novo espaço social diferente da sua casa. Conforme Da Matta (1991, p. 22), a casa e a rua são espaços sociais díspares,

Assim, sabemos que em casa podemos fazer coisas que são condenadas na rua, como exigir atenção para nossa presença e opinião, querer um lugar determinado e permanente na hierarquia da família e requerer um espaço a que temos direito inalienável e perpétuo. Em casa somos todos, conforme tenha dito, supercidadãos. Mas, e na rua? Bem, aqui passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre

5 Bocada: ambiente utilizado para o comércio de drogas.

6 Pancadas: Fumar crack na lata

maltratados pelas chamadas autoridades e não temos paz, nem voz. Somos rigorosamente subcidadãos.

Os indivíduos, ao chegarem nas ruas, se deparam com as diferenças entre a casa e a rua, mas descobrem que todos possuem algo em comum. Na rua, as histórias se entrecruzam por diversos motivos, sejam eles: o egresso das casas de privação provisória de liberdade, os rompimentos familiares ou de algum laço afetivo, o uso de substâncias entorpecentes, a demarcação de território, as ameaças de morte, o desemprego, dentre outras. Assim como Valentina, milhares, por alguma razão, encontram refúgio nas ruas.

O olhar forte e destemido de Valentina, forjado durante suas passagens pelo cárcere, esconde uma mulher sensível e uma mãe afetuosa que eu só pude descobrir, após superar o medo que ela me causava. Carrega sempre em seus braços seu filho, o pequeno Jonas, que foi gestado e veio a nascer durante sua última passagem pelo presídio feminino, na cintura sua “*highlander*”⁷, indispensável para garantir-lhes segurança e seu posto de liderança. Nem sempre é possível interferir nos atos de vingança, ajuste de contas e execuções, porque o direito de punir faz parte da justiça popular e não deve ser interrompido. No entanto, é imprescindível que o sujeito se torne invisível para evitar ser o próximo condenado, é cruel, mas “*a rua me ensinou muita coisa, a me defender, a me proteger. Já vi muitas mortes, vi muita gente morrer ao meus pés, pedir socorro, uma ajuda pelo amor de Deus e eu sem poder fazer nada*” (VALENTINA).

A transição de Valentina entre as ruas e o cárcere lhe rendeu múltiplos saberes relevantes na arte de viver, o saber-fazer, o poder-saber, as atitudes nos processos de escolha e decisão, o uso do poder na solução dos casos de justiça popular, dentre tantas outras formas que dinamizam as trajetórias coletivas e individuais me levaram a percebê-la como educadora infame.

Considero o termo educadora infame, partindo da conceituação de Lobo (2008), sobre as “existências infames”. Segundo a autora, existências infames são sujeitos invisíveis, sem nenhum feito de glória,

7 Highlander: faca de dois gumes.

sem nenhuma fama. Ninguém registra seus feitos por não considerá-los importantes dentro dos processos educativos. Trata-se das modestas existências, tão fragilizadas que passam pela vida sem deixar rastros. Por essa razão, elegi Valentina como educadora infame, devido às suas práticas educativas que nunca ganham relevo social.

3.2 Trajetórias de vida e estratégias de sobrevivência

As trajetórias de vida se desenham entre o tempo, o espaço ou o movimento, isto é, um conjunto de sucessão de pontos percorridos ao longo da sua história e não a imagem que esses pontos formam em algum momento da vida (CERTEAU, 1998).

As estratégias de sobrevivência são elaboradas por saberes específicos na tentativa de adquirir o essencial para sobreviver em situação-limite de pobreza. De fato, para Certeau (1998, p.100), podemos “reconhecer nessas estratégias um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio”. Em muitos casos, o indivíduo escolhe o seu lugar de permanência, de acordo com as possibilidades de desenvolver as estratégias fundamentais para garantir o seu existir, conciliando o ponto de repouso com o ponto onde obtém o seu sustento. No entanto, para alguns sujeitos, o mais importante não é adquirir alimentos, o indispensável é algo que alivie a solidão, as drogas são fortes aliadas, mas os animais de estimação também são capazes de amenizar o desamparo de seus donos (SIMÕES JUNIOR, 1992).

3.3 Onde se partilha o pão, se devora a carne

As situações mais comuns do dia a dia nas ruas podem se tornar perigosas ameaças aos indivíduos. As estratégias de sobrevivência têm a função de diminuir os perigos e as vulnerabilidades que atingem o bem-estar físico e psicológico da população em situação de rua. A vida nas ruas é sobrecarregada de desafios diários, privações e dificuldades, as quais levaram Valentina a desenvolver novas práticas que garantam meios de subsistência.

Uma das práticas mais frequente desenvolvida pela protagonista é a divisão dos alimentos que cotidianamente são mangueados nos restaurantes e lanchonetes no final dos expedientes.

Um saco plástico contendo sobras de alimentos, formando uma espécie de mistura, é entregue aos pedintes que levam para um determinado grupo. Em seguida, a mistura é despejada por Valentina sobre um pedaço de papelão, estendido ao chão, que mete as mãos na tentativa de separar alguns pedaços de frutas, verduras, legumes, macarrão e carnes no intuito de realizar uma partilha igualitária dos alimentos. Os indivíduos se aproximam formando um círculo, respeitando as regras de convivência estabelecida nas ruas, prioritariamente as mulheres e crianças são servidas em potes de sorvetes, caso não possuam vasilhames utilizam pequenos pedaços de papelão como pratos e as mãos como talheres e, posteriormente, os homens recebem sua parte dos alimentos e vão sentar-se ao chão para comer. Durante a refeição, eles dialogam sobre o sabor dos alimentos, a quantidade recebida, como conseguiram “manguear” e a receptividade dos comerciantes e tantas outras coisas. O primeiro a terminar de comer sai em busca de água, levando consigo uma ou duas garrafas descartáveis, frequentemente enchidas nos bebedouros de supermercados e pontos comerciais.

Toda essa organização é mantida por ela, no intuito de manter a ordem estabelecida dentro dos códigos morais que constitui a cultura de rua. Foucault (2016, p. 20) pontua “O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade”. Algumas vezes, Valentina precisa fazer uso desse poder para garantir que o conjunto de regras e sanções seja mantido na hora da partilha dos bens dentro do grupo. Costumeiramente é questionada por pessoas recém-chegadas nas ruas, mas paulatinamente passam a adquirir os hábitos e os costumes do meio em que vivem, adaptando-se às novas estratégias de sobrevivência.

3.4 O adestramento de Valentina no cárcere

Após ter sido acusada de praticar atos infracionais, a justiça criminal determinou a prisão de Valentina, mantendo-se indiferente à situação social em que ela estava inserida. Para Xavier (2011), o Direito Penal

positivista assegura a punição com base no que preceitua a lei. As ciências jurídicas não questionam ou não se interessam por saber se há ou não causas sociais para os eventuais desvios da norma padrão.

De acordo com Foucault (2016), nem todos os pobres roubam, para que ele roube é preciso que haja nele algo que não ande muito bem. Assim a mecânica do poder utiliza de forma equivocada a venda que cobre os olhos da justiça determinando que o delinquente seja submetido a prisão. Consonante Xavier (2011, p.49), a criminologia tradicional:

Aceita pacífica e consensualmente o crime como fruto do princípio da diversidade patológica do homem delinquente e da disfuncional idade do comportamento criminal, e a pena serve como fins de resposta justa e útil por si só ao crime, sem, contudo, importar-se com as condições sociais dos infratores das leis preestabelecidas.

Valentina não seria a exceção, seu histórico de pessoa em situação de rua não interferiria na sua sentença, cumpriria sua pena em regime fechado. Em razão do cumprimento da lei, o aparelho judiciário lhe confiou ao poder disciplinar, muito embora Foucault (2014, p.167) revele que “o poder disciplinar em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior ‘adestrar’; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor”. Já em *Microfísica do poder*, Foucault (2016, p. 216) destaca que “desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade”.

Valentina foi presa a primeira vez acusada de praticar pequenos furtos, da segunda vez em diante os crimes foram se agravando, de assalto a mão armada até tentativa de homicídio e formação de quadrilha.

O encarceramento de Valentina, como resposta justa e útil à sociedade civil, como processo de ressignificação, diverge do posicionamento de Foucault (2016, p. 219), “a partir do momento em que entrou na prisão, acionava-se um mecanismo que a tornava infame, e quando saísse, não podia fazer nada senão voltar a ser delinquente”, sua prisão

originaria uma “ciranda de alternativas precárias” entre o cárcere e a rua (VIEIRA; ROSA, 1992).

Segundo Foucault (2016), o movimento ininterrupto da ciranda contribui para o aumento da violência e da criminalidade, o fato é que as ruas e a prisão fabricam delinquentes, e estes são úteis tanto ao domínio econômico como ao político.

Durante sua primeira passagem no Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa, localizado na BR 116, Km 27, no município de Aquiraz-CE, Valentina não foi incentivada a retomar os estudos, interrompidos ainda na adolescência. Somente após alguns meses foi inserida nas atividades profissionalizantes oferecidas na instituição, com o objetivo de evitar seu envolvimento nos conflitos com as outras presas, planos de fuga e, principalmente, para manter o seu bom adestramento.

Valentina puxou sua cadeia⁸ sozinha, longe dos seus familiares, sem visitas íntimas e com histórico de pessoa em situação de rua teria que conquistar a confiança das detentas e construir novos vínculos só para garantir o seu existir.

Naqueles fatídicos dias, tudo que lhe restava era a saudade do companheiro, dos prazeres da vida notívaga, dos corre pela rua, e muito tempo ócio. Em meio a esse emaranhado de inquietações, ela decidiu frequentar as oficinas de artes desenvolvidas na cadeia. Sua participação nas atividades de artesanato contribuiu para o desenvolvimento de algumas habilidades e talentos manuais.

As educadoras entraram na mente⁹ dela, começou a acreditar na possibilidade de trabalho autônomo, o bico¹⁰. Quando retornasse para as ruas sem trabalho regular, entraria no mercado informal de trabalho. Sonhava em ser mais uma artista nas calçadas, produzindo e vendendo suas obras para garantir as suas necessidades básicas na rua. Uma linha paralela à delinquência estava sendo construída.

8 Puxar cadeia: pagar a sentença na prisão.

9 Entrar na mente: convencer.

10 Bico: trabalho informal, biscate.

As atividades laborais teriam sido suficientes para ressignificar a vida de Valentina? Em pouco tempo, Valentina regressava às ruas, desta vez trazia consigo algo mais valioso que o galo (sacola plástica com alguns objetos pessoais), vinha carregada de conhecimentos artísticos, novas habilidades e potencialidades. Porém, seus bolsos não continham nem ao menos uma única moeda para comprar os materiais necessários para iniciar o artesanato. Mas isso não lhe frustrava nem um pouco, na rua não é difícil descolar¹¹ uma grana mangueando, essa é uma das práticas mais comuns entre as mulheres em situação de rua. Passou o dia inteiro no sinal, conseguiu arrecadar um dinheirinho e investiu na compra de materiais para iniciar sua produção.

Era fim de tarde, sentou-se no banco da praça do Ferreira e começou a produzir suas peças de sabonetes, eram delicadas e perfumadas, tinham o formato de casinhas e flores, encantava os colegas de praça com o seu talento, eles elogiavam dizendo: “*Eitamah, tu se garante!*”, “*Mirmã, tá rochedo*¹² *pivete!*”. O ego de Valentina estava inflado, naquele momento tornou-se arte-educadora igualzinha a da cadeia, repassava detalhadamente o seu conhecimento para um grupo de pares que a cercava, estavam todos atentos às instruções que de vez ou outra se misturavam às histórias da sua trajetória pelo cárcere, nem sempre satisfatórias.

Valentina trabalhou até o cair da noite, quase nem dormiu de tão ansiosa, acordou cedo, como é de costume nas ruas e na cadeia levantar junto com o sol, tomou banho e café no Centro POP e saiu bastante animada. No primeiro dia conseguiu vender uma peça de sabonete, foi um bom sinal. Seus planos corriam como planejados, mas nos dias seguintes ela descobriu os desafios de ser vendedora ambulante. Ofereceu seus produtos incansavelmente aos transeuntes do Centro e tudo que conseguiu foram fugidios olhares e alguns simples elogios; “*é muito bonito!*”, “*Nossa que lindo!*” não chegou a vender mais nada.

Seus objetos feitos de sabonete, com o passar dos dias começavam a se desfazer. O suor de suas mãos em meio ao sol, o relento das noites e madrugadas nas calçadas, desmanchavam os detalhes mais delicados

11 Descolar: conseguir.

12 Rochedo:perfeito.

obtidos depois de horas de trabalho. Agora a realidade cruel lhe causava frustração, seus sonhos foram desfeitos de forma tão célere quanto as flores de sabonetes em meio ao sol. Nem o perfume impregnado em suas mãos lhe agradava mais. Entregou-se aos antigos prazeres e vícios da vida notívaga, cometeu pequenos furtos para comprar algumas pedras de crack, precisava bruxar¹³, era a única forma de encarar o fracasso, e gradativamente voltar a ser uma das principais vítimas da delinquência.

Valentina nunca descobriu a verdadeira intenção das atividades laborais desenvolvidas no cárcere, nunca percebeu o que já era sabido. Para Foucault (2016, p. 219) “o problema então não era ensinar-lhes alguma coisa, mas ao contrário, não lhes ensinar nada para se estar bem seguro de que nada poderia fazer saindo da prisão”, indubitavelmente as atividades laborais eram apenas um dos recursos para o bom adestramento dos indivíduos dentro das instituições prisionais.

Esta foi a única vez que vi suas obras, embora ela sempre solicitasse a coordenação do Centro de Convivência uma oportunidade para facilitar uma oficina. Seu pedido nunca foi aceito, por causa do seu mau comportamento no equipamento. Agora eu compreendia sua falta de interesse em participar das oficinas de artes ofertadas aos usuários do Centro de Convivência. Poucas vezes ela esteve sentada nas mesas das oficinas de bijuteria, macramê e pintura. Certa vez chegou a construir um cartaz bem colorido com a seguinte mensagem: “Vida Loka¹⁴ também Ama!” e colou na recepção do equipamento, mas logo foi retirado pela coordenação, reafirmando que no processo de adestramento o poder é modesto, desconfiado, mas atua de forma permanente para manter os indivíduos entre o cárcere e a rua.

CONSIDERAÇÕES

Sobreviver, este é o maior desafio enfrentado pelos infames que habitam nas ruas da cidade e nos cárceres. Para se alcançar tal feito, necessitam elaborar em meio às situações-limite, estratégias e práticas

13 Bruxar: fazer uso de craque, de forma abusiva.

14 Vida Loka: delinquente.

educativas ou até mesmo reproduzir o modelo do poder disciplina adquirido ao longo de sua trajetória, entre as praças e a cadeia, compilando todos esses processos dentro da justiça popular, o executor das sentenças irá garantir sua soberania e o seu existir.

Os resultados da pesquisa que ora realizamos demonstram a relevância de registrar e desvelar as produções de saberes da educadora infame pesquisada, merecendo destaque especialmente por ser uma mulher em situação de rua, que, mesmo atuando em meio a privação e a delinquência, possui o mesmo objetivo das demais mães das periferias de Fortaleza, garantir a existência da sua família dentro do contexto de extrema pobreza e criminalidade.

Percebemos os feitos de Valentina e suas práticas educativas desenvolvidas no cotidiano. Não nos cabe julgar se estão corretas, mas nos cabe reconhecê-las e registrá-las como estratégias de sobrevivência em meio às precariedades do mundo marginal. Talvez esta seja a primeira vez que uma educadora infame em situação de rua ganhe destaque em um trabalho científico e que, seus atos, suas falas, sejam expostos sem romantismo.

Dessa forma, as estratégias de sobrevivências de Valentina não apenas buscam saídas de emergências para a situação a qual se encontra, mas colabora para a multiplicação de educadores infames dentro da cultura de rua. Superar os limites da extrema pobreza através do exercício dos poderes é uma árdua tarefa. Daí a importância de visibilizar os educadores infames no contexto da população de rua, que há tempos em seus atos desenvolvem o processo disciplinar, as espertezas, os saberes e potencialidades que contrariam os modelos da educação formal e da sociedade, daí o fato de nos obstinarmos em acompanhá-los pelas ruas e cárceres.

Essas práticas cotidianas singulares dos indivíduos em situação de rua constroem novos modos de vida, nos cenários marginalizados, minimizando internamente a satisfação das necessidades imediatas do dia de hoje, porque o amanhã não lhes cabe pensar.

Assim, a vida marginal de Valentina vai seguindo pelas ruas, um dia passando o trem, no outro sendo atropelada pelos sentimentos de culpa, sendo gata e leoa, mãe carinhosa e mulher consumida pela brutalidade,

superando as privações, realizando atos infracionais, elaborando estratégias de sobrevivências, caminhando pelas ruas sem destino com seu filho no colo e sua faca na cintura, buscando alívio nas drogas, se deliciando com os pequenos prazeres das comidas, sendo comida, engolida por esse macropoder, mas sem deixar de ser minimamente.

REFERÊNCIAS

ARRETCHE, Marta. *Estado federativo e políticas sociais: determinantes da descentralização*. São Paulo: Fapesp, 2000.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a fome. *Cartilha "Inclusão de pessoas em situação de rua no cadastro único para programas sociais do Governo Federal"*. Brasília, 2011, v I.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: Petrópolis, R.J.:Vozes, 1998

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. 4. ed. Rio de Janeiro, R.J: Guanabara, 1991

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramallete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder. (1926 - 1984)*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FRANGELLA, Simone. *Prefácio*. In: RUI, Tanieleetal (orgs.). *Novas faces da vida nas ruas*, São Paulo, v. I, p.. 9-14, 2016.

JORNAL O POVO. Fortaleza. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/reportagem/2018/04/moradores-de-rua-problema-se-agrava-na-cidade.html>. Acesso em: 23 abr. 2018.

KLAUMANN, Alexandre da Rocha. *Moradores de rua - um enfoque histórico e socioassistencial da população em situação de rua no Brasil: a realidade do centro pop de Rio do Sul/SC* Disponível em;<http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Alexandre-da-Rocha-Klaumann.p>. Acesso em: 21 maio 2018.

LOBO, Lília Ferreira. *Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

LOPES, Juarez Brandão. *Recessão, pobreza e família*. Disponível em: http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v04n01/v04n01_19.pdf. Acesso em: 20 maio 2018.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME (MDS) Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm Acesso em: 18 maio 2018.

MONTEIRO, Maria Odete de Araújo. *Pobreza extrema no espaço urbano: o caso dos moradores de rua de Fortaleza, CE, Brasil*. 121 f. Fortaleza, 2011

OLIVEIRA, Luciano Freitas de. A construção das “populações-alvo” nas políticas públicas; o caso dos moradores de rua em São Carlos/SP. In: RUI, Tanieleet al (orgs). *Novas faces da vida nas ruas*. São Carlos, SP: Editora: EDUFSCAR, v. I, p. 67- 88, 2016.

PEREIRA, Luiz Fernando de Paula. No labirinto da gestão; desdobramento do processo de institucionalização e transformação de moradores de rua em “usuários” dos serviços de assistência social. In: RUI, Tanieleetal (orgs.). *Novas faces da vida nas ruas*. São Carlos, SP: Editora: EDUFSCAR, v. I, p. 89- 114, 2016.

SIMÕES JUNIOR, José Geraldo. *Moradores de rua*. 7. ed. São Paulo. Pólis Publicações, 1992.

VIEIRA, M. A. C.; ROSA, C. M. M. População de rua; quem é, como vive, como é vista. São Paulo: Hucitec, 1992.

XAVIER, Antônio Roberto. *Joana Paula de Moraes: história, memória e trajetórias educativas (1900-1963)*. 411 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. (Capítulo 2, pp. 89 -144)

XAVIER, Antônio Roberto. Crime & ciência penal no âmbito do sistema capitalista no estado nação: *Ciência Jurídica*, Belo Horizonte, v. 25, p. 293-319, 2011.